THE CLIMATE STORY LAB AMAZÔNIA

Relatório 2021-2022

Realização

docsociety

Correalização

matapi
MERCADO AUDIOVISUAL DO NORTE

HACKEOCULTURAL

SUMÁRIO

01 PÁG 04 — CLIMATE STORY LAB AMAZÔNIA 2021

02 PÁG 10 — APRESENTAÇÕES CULTURAIS, MESAS E PAINÉIS

03 PÁG 34 — PROJETOS E APRESENTAÇÕES

04 PÁG 44 — FORMAÇÃO

05 PÁG 46 — NETWORKING

06 PÁG 50 — NÚMEROS E RESULTADOS

07 PÁG 51 — AGRADECIMENTOS

CLIMATE STORY LAB AMAZÔNIA 2021

O QUE É?

O Climate Story Lab é uma ação proposta pela Doc Society que nasce da compreensão de que a comunicação sobre as mudanças climáticas é urgente. O laboratório se constitui como um espaço de articulação, conexão e reflexão sobre formas e ferramentas das narrativas audiovisuais e artísticas em geral, atingirem seu potencial máximo de diálogo com a sociedade civil, construindo formas de mobilização e transformação nas estruturas sociais da micropolítica à macro estrutura.

O evento vem sendo realizado em distintos países com organizações culturais que adaptam a metodologia às suas realidades. É desta articulação que nasce a primeira edição do Climate Story Lab Amazônia, focado no protagonismo e vozes indígenas, em correalização com o Matapi, evento dedicado a impulsionar o audiovisual da região amazônica do Brasil e o Hackeo Cultural, organização guatemalteca dedicada à construção de práticas de insurreição das narrativas, em defesa da vida e do território, desarticulando sistemas de opressão.

O CSL Amazônia atua para reconhecer, dialogar e criar pontes entre ações já existentes no território amazônico, como força política e de resistência cultural; é uma forma de descolonizar nossos olhares e práticas e de construir transformações no cotidiano.

O PORQUÊ

A urgência do debate das mudanças climáticas traz consigo, a urgência da comunicação dos desafios e crises ambientais com a sociedade como um todo. Dado os contextos políticos da América Latina e a crise de representatividade nos espaços de poder, queremos impulsionar projetos com potencial de impacto social a fim de gerar compromisso com ações que contribuam para mudanças nas nossas práticas de vida e consumo.

O CSL AMAZÔNIA

O Climate Story Lab Amazônia criou um espaço para conectar projetos audiovisuais, jornalísticos e sonoros a representantes sociais, ativistas e líderes de comunidades e coletivos dedicados ao debate das mudanças climáticas. O evento aconteceu em formato híbrido, de 23 a 27 de novembro de 2021, na cidade de Manaus, Estado do Amazonas, Brasil.

Sediado no Casarão da Inovação Cassina, um prédio histórico localizado na zona de fundação da cidade de Manaus, a programação teve turno integral, onde foram realizados painéis, mesas de debates, encontros one-to-one, oficinas, apresentações culturais e espaço para networking.

O CSL Amazônia, foi uma realização da Doc Society em correalização com o Matapi e o Hackeo Cultural.

A MISSÃO DO EVENTO

O CSL Amazônia teve como missão, a criação de um espaço para conectar projetos, em diferentes etapas de desenvolvimento no Brasil e América Latina, que possuem o tema das mudanças climáticas como campo de atuação. Dado o período crítico e urgente que vivemos, o contexto nos pede mudanças nas estruturas sociais e na micropolítica de nossas comunidades e setores da sociedade civil como um todo.

Construir uma rede para trocas de ferramentas, reflexões e busca de soluções estratégicas de comunicação e compromisso social ao redor do tema de mudanças climáticas. Nossa proposição é de acolher, as múltiplas formas de trabalho, pontos de vista e foco de atuação de cada grupo, comunidade ou instituição que já trabalham em suas realidades sociais com o tema; queremos assim, contribuir para o desenvolvimento de todo potencial de ação de comunicação dessas ações.

Reconhecer, dialogar e criar articulação entre as ações já existentes se dá, com o objetivo de descolonizar nossas práticas. O mundo está em crise e a urgência climática está posta, fruto de um sistema capitalista que se atualiza e retroalimenta da exploração dos recursos naturais e apagamento de práticas comunitárias, dos saberes ancestrais e da negação da vida dos povos originários que resistem em defesa da manutenção do equilíbrio ambiental.

A urgência climática traz consigo a urgência da comunicação com a sociedade como um todo. Dado os contextos políticos da América Latina e a crise de representação nos espaços de poder, queremos impulsionar os projetos selecionados, a fim de gerar um compromisso de ação que tenha incidência em espaços e grupos sociais distintos.

A programação considerou o diálogo complementar e potente, no cruzamento de vozes e projetos distintos. Nossa curadoria partiu de uma perspectiva de pensar o desnível de acesso aos espaços de tomada de decisão e poder. Escutar as diferentes vozes e suas maneiras de enfrentar as mudanças climáticas é nossa premissa, uma vez que não se pode falar de justiça ambiental sem falar em justiça social. Assim, é ponto de partida a criação de um ecossistema de experiências, desafios e ferramentas para a luta climática na Amazônia e no mundo.

APRESENTAÇÕES CULTURAIS, MESAS E PAINÉIS

DIA 1

O Climate Story Lab Amazônia, em seu primeiro dia, iniciou as atividades com o maracá e a voz de **Vanda Witoto** erguidos aos céus, ecoando o chamado pela defesa da Amazônia e anunciando a chegada de um tempo de mudança.

Rodrigo Antonio, em nome de toda coordenação, deu as boas-vindas a todos que acompanhavam a abertura, destacando a importância do espaço de conexão entre os projetos, das ações comunitárias e das ações de mobilização social que estavam sendo criados, e ressaltando que um dos objetivos é impulsionar os projetos participantes a fim de gerar comprometimentos e resultados concretos de transformação social.

A primeira mesa, **Justiça social e justiça climática: a luta é histórica e é de todes!**, contou com **Kátia Penha** (CONAQ), **Sandra Regina Gonçalves** (AUREMAG) e **Vanda Witoto** (liderança indígena), com a mediação de **Andrea Ixchíu** (Hackeo Cultural).

O debate trouxe à reflexão, que não podemos construir caminhos para a justiça ambiental sem olhar para os problemas históricos da desigualdade e desníveis de acesso aos espaços de poder, logo, de justiça social e como desse lugar de mulheres de grupos de defensoras de seus territórios, elas visualizam a questão da luta climática. Falas de poder que ressaltaram a urgência do desenvolvimento de projetos que possam ocupar espaços de mudança real, que possam sensibilizar agentes da base, para assim, mover as estruturas.

KÁTIA PENHA

Ativista ambiental, moradora do quilombo Divino Espírito Santo, Território Sapê do Norte, coordenadora do coletivo de mulheres e coordenadora nacional do projeto agricultura familiar quilombola da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos - CONAQ.

"Enquanto houver o discurso de que "a boiada vai passar", nós estaremos de Norte a Sul desse país, em resistência".

SANDRA REGINA

Pescadora artesanal de marisco, articuladora e liderança comunitária, coordenadora estadual (Pará) da Resex Mãe Grande e primeira secretária da Associação dos Usuários das Reversa Extrativista Mãe Grande Curuçá - AUREMAG.

"Quem mora na Floresta, nós pescadores, quilombolas, indígenas, fazemos parte de uma grande família... Nós somos Amazônidas, estamos conectados."

VANDA WITOTO

Indígena do povo Murue Bue (Witoto) do Alto Solimões, acadêmica de pedagogia, técnica de enfermagem, coordenadora da casa de saúde indígena do Parque das Tribos em Manaus, membro do Movimento dos Estudantes Indígenas do Estado do Amazonas - MEIAM e articuladora da Associação dos Witoto do Alto Solimões - AWAS.

"Os investidores que negociam uma tentativa de mudança climática, precisam primeiramente desenvolver uma base educacional em nossas comunidades. É importante fomentar a relação com os seres sagrados, com a espiritualidade presente em nossas florestas (...) Não somos recursos naturais, não somos recursos, não fazemos parte do capital... Pensar dessa forma é destrutivo. Uma planta é um ser vivo, que tem vida, que contribui pra minha existência. A educação atravessa essa sensibilidade".

DIA 2

Em nosso segundo dia, a artista indígena **Elizete Tikuna** cantou o **hino nacional do Brasil em sua língua originária**, trazendo um novo valor para para este símbolo e, logo em seguida a mesa **Como as histórias podem contribuir para a luta climática** contou com a participação de **Daniel Munduruku** (Instituto UKA), **David Hernández Palmar** (CLACPI), **Elaíze Farias** (Amazônia Real) e na mediação **Carolina Ribas** (Ocean Films).

Cada um dos convidades falou sobre suas experiências nas linguagens e formatos artísticos que se dedicam e compartilharam com o público sobre como a questão da luta climática atravessou as narrativas em suas múltiplas possibilidades. Qual o poder ancestral das histórias na construção de alternativas para enfrentarmos a luta climática?

DANIEL MUNDURUKU

Escritor e professor paraense, pertencente ao povo indígena Munduruku. Autor de 54 livros publicados por diversas editoras no Brasil e no exterior. É graduado em Filosofia, História e Psicologia. Tem mestrado e doutorado em Educação e pós-doutorado em Linguística.

"A gente precisa de fato criar uma força, uma consciência em toda essa necessidade continental que sem natureza não há vida, sem rio não há peixe. Mas do que fazer as pessoas participarem, precisamos construir a ideia do pertencimento, comprometendo assim cada ser humano com a responsabilidade de transformar. Precisamos dar um passo para trás para então pegar um impulso".

DAVID HERNÁNDEZ PALMAR

Jornalista, fotógrafo, realizador audiovisual e produtor. Curador de Cinema Latinoamericano e Caribenho com especialidade em Cinema Indígena. Membro da Rede de Comunicação do Povo Wayuu. Assessor Político da Coordenação Latinoamericana de Cinema e Comunicação dos Povos Indígenas - CLACPI.

"O direito à comunicação é fundamental, é necessário pensar na dimensão política, nas possibilidades que a comunicação nos dá. É preciso fazer esse exercício com clareza, com lógica. O que fazemos com as nossas mãos e o que contamos com nossa voz é uma ferramenta de luta".

ELAÍZE FARIAS

Cofundadora da Agência Amazônia Real e editora de conteúdo. Atuou como repórter na imprensa do Amazonas e especializou-se na produção de reportagens socioambientais na Amazônia com enfoque em povos indígenas e povos tradicionais, direitos territoriais, direitos humanos, impactos de grandes obras na natureza e nas populações amazônicas, entre outros assuntos.

"É importante pensar a profundidade, não podemos apenas "sobrevoar" a Amazônia, é preciso mergulhar. De cima é tudo verde, se for pro chão é a cor do sangue. Alguém precisa mostrar a realidade de fato, pra isso é preciso conhecer a história e as trajetórias desses territórios".

DIA 3

O terceiro dia de encontro iniciou-se com as forças das ancestralidades afro-ameríndias, através do trabalho da artista visual e realizadora audiovisual manauara **Keila Sankofa**, que compartilhou a experiência da sua obra **Ancestralidade de terra e planta**, um projeto artístico de uma ocupação que traz obras em fotografia, vídeo instalação e performance. Ancestralidade de terra e planta é a força de gritar que vem dos ebós, banhos, rezas, chás e ancestrais que deram sua vida, resistiram para que hoje tenhamos voz.

"O audiovisual é como a água, ele desliza por muitos lugares. E meu trabalho traz essa perspectiva, de ocupar as ruas da cidade com instalações, com recortes apresentados na televisão, que está presente dentro da casa de todas as pessoas e que nos formou".

A juventude não é o futuro: ativismo jovem na luta climática aqui e agora nos grandes centros e meios de comunicação foi o tema da mesa, na qual destacamos a organização da juventude indígena. Estiveram presentes **Paloma Costa** (Conselho da Secretaria-Geral da ONU sobre o clima), **Txai Suruí** (Juventude Indígena de Rondônia) e **Beka Munduruku** (Coletivo Audiovisual Daje Kapap Eypi). **Isvilaine Silva**, integrante do Engajamundo e outreach do evento, fez a mediação. Cada participante, a partir de suas realidades e lugares de atuação, compartilharam suas experiências de ativismo, chamando atenção para a importância de uma conexão entre as diferentes gerações, o respeito e escuta aos mais velhos, o uso assertivo e político das redes sociais e como a juventude, nos grandes centros, são agentes sociais chave para uma mobilização mais ampla, com uso das redes sociais e para dar visibilidade, escuta e espaço para as lutas silenciadas na grande mídia.

PALOMA COSTA

Jovem ativista do clima de Brasília, formada em Direito e estudante de Ciências Sociais. É pesquisadora na Clínica Jurídica de Direitos Humanos da UnB - Gabinete Jurídico para a Diversidade Étnica e Cultural (JUSDIV). É uma das 7 assessoras jovens do Secretário-Geral da ONU em Clima, como parte do (UN SG's Youth Advisory Group on Climate Changes).

"A gente quer ocupar esses espaços de decisão. A gente quer segurar a caneta da tomada de decisão. A terra não é plana, ela é cíclica. Se a gente quer nossa floresta em pé, precisamos reflorestar essas mentes".

TXAI SURUÍ

Do povo Paiter Suruí, de Rondônia, é fundadora do movimento da Juventude Indígena no estado. Estudante de Direito, atua no núcleo jurídico da Associação de Defesa Etnoambiental - Kanindé. É Conselheira Suplente no Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente de Rondônia e Conselheira da Aliança Global "Amplificando Vozes pela Ação Climática Justa".

"As pessoas ainda olham para os povos indígenas com lentes miseráveis, como se fôssemos pobres e é o contrário, nós somos ricos. Em nosso território ninguém passa fome. Mas quando poluem nossos rios, tiram nosso território, quando nos colocam à margem da sociedade, quando nos colocam em vulnerabilidade, aí sim, nos tornamos miseráveis".

BEKA MUNDURUKU

Comunicadora do Coletivo Audiovisual Daje Kapap Eypi, formado por mulheres Munduruku na luta pelo território e pela vida. É ativista e mora na aldeia Sawre Muybu, localizada no estado do Pará.

"Iniciei minha luta indígena por volta dos doze anos, pra lutar contra a hidrelétrica do Tapajós. Em 2014 comecei a usar a comunicação como ferramenta, com o intuito de construir frentes de luta pelo nosso território. Nós fizemos nossa própria demarcação pra proteger nosso território, a partir disso construímos um coletivo de mulheres Munduruku, que vem fazendo denúncia dentro do nosso território".

DIA 4

No quarto dia de evento, as boas vindas ficou a cargo do grupo do **Núcleo de Pesquisa TABIUHNI** e do **Centro de Medicina Indígena**, onde fomos guiados pelo **Kumu Anacleto** na vivência do **UKUSE: Bahse Merise**, uma performance artística que trouxe um diálogo sensível aos tempos de cura dos povos originários do Alto Rio Negro.

A mesa **Defesa e demarcação de terras na Amazônia** teve como convidados **Brenda Brito** (Imazon), **Marcio Astrini** (Observatório do Clima), **Luciana Gatti** (INPE) e **Marcivana Sateré-Mawé** (COPIME). Partiu-se da perspectiva de que toda reflexão sobre o poder e uso das histórias para contribuir na luta climática, o uso das distintas ferramentas e suportes narrativos, no audiovisual e nas artes como geral, precisam estar alicerçadas em pesquisas, dados e perspectivas de como o tema das mudanças climáticas está sendo compreendido na perspectiva da ciência, dos avanços do desmatamento na Amazônia e dos olhares e reflexões das representações dos diferentes institutos e organizações, mas também, na perspectiva dos representantes dos povos indígenas, com a fala de Marcivana e a reflexão muito potente de que, precisamos olhar para as estruturas sociais como um todo, como para as leis que nos regem que também partem de uma única perspectiva.

BRENDA BRITO

Pesquisadora associada do Imazon, mestre e doutora em Ciência do Direito pela Universidade Stanford (EUA), atuando há dezoito anos para o aprimoramento de leis e políticas ambientais e fundiárias para conservação da Floresta Amazônica.

"Hoje em dia as ferramentas estão disponíveis, são palpáveis, se de fato quisessem conter o desmatamento. Mas o objetivo é que realmente a destruição avance, para privatizar essas áreas, pois é o desmatamento que dá subsídios para a regulamentação e instalação de grandes projetos que vão de encontro às pautas climáticas contemporâneas".

LUCIANA GATTI

Pesquisadora titular da Coordenação Geral de Ciências da Terra do INPE e coordenadora do Laboratório de Gases de Efeito Estufa (LaGEE). Coordena o projeto de pesquisa internacional, que tem o objetivo de determinar o balanço de carbono da Amazônia e demais gases de efeito estufa e entender qual o impacto que as mudanças de uso da terra e climáticas têm sobre estes balanços e fluxos.

"A Ciência não faz diferença na sociedade se não fizer ponte com a sociedade. Isso ficou muito claro pra mim quando tanta gente escutava notícias absurdas sobre o coronavírus, nas redes sociais, e as pessoas acreditavam. A resposta ficou muito clara, o conhecimento está preso em uma bolha. Estamos falando entre nós, precisamos de espaços que possamos divulgar essas informações".

MARCIO ASTRINI

Secretário-executivo do Observatório do Clima, rede formada por 68 organizações da sociedade civil brasileira que há 18 anos atua na agenda socioambiental e de clima. Ambientalista, com formação em Gestão Pública, Direito Constitucional e Políticas Públicas.

"A demarcação de terras, a proteção, o mundo verde presente na Amazônia, são extremamente importantes para frear o desmatamento. Quando a gente faz ao contrário, quando é permitido a apropriação das terras públicas para o ente privado, quando o reconhecimento das unidades de conservação deixa de existir, quando o Estado distribui anistias, a gente autoriza a ilegalidade e todo o complexo de ações que envolve os crimes ambientais".

MARCIVANA SATERÉ-MAWÉ

Indígena do povo Sateré-Mawé, município de Maués, baixo Amazonas. É liderança indígena, educadora popular, conferencista e palestrante. Formada em Ciências Contábeis. Idealizadora e fundadora da Coordenação dos Povos Indígenas de Manaus e Entorno - COPIME, onde está atualmente coordenadora executiva.

"Algum tempo atrás, eu, meus avós e minha mãe íamos pro roçado sete horas da manhã, hoje temos que sair três da manhã pra voltar às oito, pois o calor é muito forte. Se a natureza vai adoecendo, nós também vamos ficando doentes. Isso a gente percebeu também na pandemia, nosso corpo já não tem uma defesa própria, diante de tanta destruição que fazemos com a Mãe Terra".

Também neste dia,

Sofía Jarrín (Amazon Watch) apresentou um painel chamado **Ação e articulação em prol da Amazônia** compartilhando com os representantes dos projetos e com o público que acompanhava online a sua experiência profissional apoiando e tutoriando projetos na Amazônia, no sentido de criação de redes de comunicação e busca de investidores internacionais. Compartilhou um pouco da sua trajetória na Amazon Watch, com suporte a comunidades indígenas e camponesas e em como pensar a articulação de projetos de comunicação entre as comunidades da Amazônia em

uma rede internacional e viabilização social e econômica.

O grupo artístico/musical **Ruaringo**, formado por mulheres indígenas das etnias Witoto, Tariana e Tikuna se apresentou e emocionou a todes. Ruaringo significa mulheres que cantam, e sim, elas cantaram os seus cantos sagrados para esfriar o coração da

humanidade e da Terra para curar o nosso Corpo e Espírito. E com este sentimento de cura universal a programação online foi encerrada.

No último dia do evento, realizado de forma offline, somente para o público presente em Manaus, a artista **Yara Costa** se apresentou dando as boas vindas, com a performance de uma **Corpa da Floresta** que carrega sua ancestralidade por onde vai. Simbolicamente o urucum segue pigmentando as peles que desejam vida, nos convidando a "ficar com o problema", mas não no sentido de acomodar o problema, pelo contrário, no sentido de cavucar/escavar/minhocar até ampliar a nossa percepção de mundo e encontrarmos os caminhos da cura.

Em seguida, **Fernando Spuri** (Spotify Latinoamérica) deu início ao painel **Construção de audiências em plataformas digitais: a experiência do Spotify**, com a perspectiva de ampliar as possibilidades de expansão dos projetos. Fernando falou sobre o ecossistema de podcast na América Latina, perspectivas

e também apresentou o Sound Up, um programa global focado em amplificar as vozes de comunidades sub-representadas nas mídias tradicionais através dos podcasts. Finalizou sua apresentação, pedindo a atenção para as próximas chamadas públicas para seleção de projetos a serem desenvolvidas junto com o Spotify e os criadores selecionados.

Já a mesa **Compartilhando casos de estudo**, teve como convidades **Carol Misorelli** (Instituto Taturana), **Rodrigo Díaz Díaz** (Instituto Taturana) e **Rossana Giesteira** (Good Pitch Brasil). A conversa teve início com Carol e Rodrigo compartilhando a experiência de distribuição de impacto de dois projetos: "Sementes Mulheres Pretas no Poder" e "Limiar", apresentando o planejamento estratégico na construção das redes de conexão de distribuição, como também os resultados alcançados com as campanhas. Rossana, fez uma apresentação dos objetivos e programação do Good Pitch Brasil, fazendo o chamamento para os presentes participarem com os seus

projetos no evento que ia acontecer logo na sequência do Climate Story Lab Amazônia.

Por fim, o painel **Escola de Ativismos,** contou com a presença de **Isandra Davila**, representando a escola, que nos apresentou o coletivo ressaltando a sua missão de fortalecer grupos ativistas por meio de processos de aprendizagem em estratégias e técnicas de ações não-violentas e criativas, campanhas, comunicação, mobilização, e segurança da informação, voltadas para a defesa da democracia, dos direitos humanos e da sustentabilidade. Explicou que o coletivo é formado por um grupo multidisciplinar de ativistas, que se organiza de maneira distribuída e não hierárquica, por meio de princípios orientadores em diversas regiões do Brasil.

PROJETOS E APRESENTAÇÕES

"A urgência do debate das mudanças climáticas traz consigo, a urgência da comunicação com a sociedade como um todo. Dado os contextos políticos da América Latina e a crise de representatividade nos espaços de poder, queremos impulsionar projetos com potencial de impacto social a fim de gerar compromisso com ações que contribuam para mudanças nas nossas práticas de vida e consumo".

Com essa premissa, participaram do evento 7 projetos selecionados que tiveram a oportunidade de realizar apresentações públicas com o intuito de compartilharem suas vivências e atualizarem seus conhecimentos sobre narrativas artísticas e impacto social. Além disso, foi possibilitado aos participantes se conectarem (online e presencialmente) com especialistas em clima, lideranças de comunidades e coletivos indígenas e negros, pesquisadores, financiadores e ativistas de referência mundial no campo da luta climática e mobilização social, também na intenção de gerar novas possibilidades de financiamentos e alianças transterritoriais. Os projetos que se apresentaram foram:

UÝRA – A RETOMADA DA FLORESTA

Longa documentário I 2022 I Brasil e EUA
Direção: Juliana Curi
Produção: Juliana Curi, Martina Sönksen, João Henrique Kurtz, Lívia Cheibub e Emerson Pontes/Uýra
Produtora de impacto: Renata Ilha

Sinopse: Em um dos países que mais mata ambientalistas, indígenas e pessoas trans, Uýra é o corpo que o Brasil insiste em exterminar. Como transartista-indígena-educadora, sua existência e resistência fomentam uma revolução micropolítica lutando pela educação da juventude indígena e queer e pela preservação das causas ambientais da Floresta Amazônica.

Status do projeto: Em etapa de circulação em festivais nacionais e internacionais. Sua premiê internacional se deu no Frameline International LGBTQ+ Film Festival.

O que busca: Apoiadores e mobilizadores nacionais, com foco na região Norte do Brasil, para desenvolvimento da campanha de impacto no território amazônico.

Contatos: martinasonksen@gmail.com; joao@azoresfilmes.com.

QUENTURA

Curta documentário I 2018 I Brasil
Direção: Mari Corrêa
Produção: Fernanda Sindlinger

Sinopse: Muito quente! As piracemas não vêm na época certa e as pimenteiras acabam morrendo com tanta quentura. “É um tempo muito diferente, que nem os espíritos estão conseguindo entender”. De suas roças, casas e quintais, mulheres indígenas da Amazônia nos envolvem em seu vasto universo de conhecimentos ao mesmo tempo em que observam os impactos das mudanças climáticas nos seus modos de vida.

Status do projeto: O curta Quentura faz parte de uma trilogia junto com os filmes Para onde foram as andorinhas? (2015) e Floresta, um jardim que a gente cultiva (em finalização). A equipe do projeto está focada no fechamento do último filme da trilogia para início da campanha de impacto e distribuição dos três filmes em conjunto.

O que busca: Financiamento para fechamento do último filme da trilogia e início da campanha de impacto que envolve mostras, curso à distância (ead) e podcast com a rede Wayuri.

Contatos: fernanda@institutocatitu.org.br; maricorrea@institutocatitu.org.br.

RÁDIO SAVIA

Podcast documentário I 2 Temporadas I Colômbia e México
Direção: Maytik Avirama e Daniela Fontaine

Sinopse: A Rádio Savia é um podcast narrativo sobre histórias de cuidados e cura do corpo-território. Celebramos e honramos os conhecimentos ancestrais de cura e cuidados coletivos das mulheres defensoras de território na América Latina. Honrando a relação recíproca entre nossos corpos e a terra, criamos uma experiência sólida que visa tecer juntos a justiça ambiental e as práticas de cura enraizadas em diferentes contextos latino-americanos.

Status do projeto: A equipe realizou a estreia da segunda temporada, com lançamento em março de 2022, com 13 episódios distribuídos até junho de 2022. Em paralelo realiza círculos de escuta coletiva com mulheres em eventos públicos na Colômbia.

O que busca: Aliados e apoiadores para distribuição em rádios comunitárias em países latino americanos, com interesse em estabelecer alianças estratégicas com organizações de mulheres e redes de defensoras de direitos humanos. A equipe também está interessada em consultoria de comunicação para criação de uma estratégia assertiva de engajamento nas redes sociais.

Contato: radiosavia@gmail.com.

SÉRIE JORNALÍSTICA SABEDORES E MEMÓRIAS DA AMAZÔNIA EM RISCO DE CRISE CLIMÁTICA E PANDÊMICA

Projeto Transmídia I 2021/2022 | Colômbia e Equador
Jornalista-cineasta: Vanessa Teteye
Jornalistas: Paola Silva e Edilma Prada

Sinopse: Vozes de sábios indígenas da Amazônia na Colômbia e no Equador, que com seus conhecimentos curam a floresta mãe ameaçada pela exploração de seus territórios e pela crise climática. Suas histórias são memórias vivas e suas palavras são um caminho para a proteção da diversidade. A Agenda Própria da mídia independente tem como objetivo destacar as vozes dos mais velhos para tornar visíveis os riscos enfrentados por suas comunidades em micro histórias com narrativas transmídia.

Status do projeto: Realizou formação focada em documentário com lideranças indígenas, estão terminando os roteiros da série jornalística e iniciaram filmagem em abril de 2022. Em paralelo a execução do projeto, desenharam uma estrutura geral da campanha de impacto.

O que busca: Apoio financeiro para gastos de filmagem, gestão de comunicação e desenho editorial da campanha de impacto, além de consultoria de produtores de impacto para revisão das ações planejadas.

Contatos: periodismointercultural@agendapropia.co; teteyevane@gmail.com; redtejiendohistorias@agendapropia.co.

IMAGINE 2030

Longa híbrido I 2022 I Brasil
Direção: David Ainan, Everlane Moraes e Vinícius Silva
Produção de impacto: Fernanda Cabral

Sinopse: Imagine 2030 adentra nas cinco regiões do Brasil para retratar pessoas comuns que já constroem um futuro radicalmente diferente, com suas lutas diárias. Enquanto criam ativamente caminhos alternativos, cada personagem lida com cotidianos complexos e uma sociedade que resiste às mudanças. Imagine 2030 conta uma história do futuro com imagens do presente.

Status do projeto: Filme finalizado, em etapa de planejamento de distribuição e lançamento. Previsão de lançamento no segundo semestre de 2022.

O que busca: A campanha de impacto está estruturada, buscam apoio e financiamento para equipe de design e comunicação; articulação com coletivos e mobilizadores sociais nas cinco regiões do país para exibições comunitárias, assessoria de imprensa e consultoria estratégica para ações de impacto no território nacional.

Contato: fernanda@fernandacabralimagina.com.br.

TELES PIRES: O RIO MAIS IMPACTADO POR HIDRELÉTRICAS NA AMAZÔNIA

Websérie I 2022 I Brasil
Direção: Juliana Rosa Pesqueira e Allan Gomes

Sinopse: Em 2011, o primeiro projeto de uma série de hidrelétricas previstas para o rio Teles Pires foi leiloado. Passando à sombra de projetos de Hidrelétricas maiores na Amazônia que mobilizaram grandes narrativas como Belo Monte, Santo Antônio e Jirau, o Rio Teles Pires viu ao longo da década seguinte o desenvolvimento desta e de mais três grandes hidrelétricas, tornando-se assim o rio mais impactado por barragens na bacia Amazônica. Esse modelo de produção de energia mostra-se cada

vez mais insustentável, sobretudo na Amazônia. O rio Teles Pires, antes conhecido pelas suas cachoeiras e águas verdes, com lugares sagradas para povos indígenas, e exuberante fauna e flora, hoje vê seu percurso tornando-se uma região estéril, com queda na população de peixes e quelônios, e grandes extensões de florestas apodrecendo às suas margens sob os lagos das hidrelétricas. Um rio sob o signo da morte.

Status do projeto: O projeto se encontra em fase de finalização, montagem e pós-produção. Com a pandemia, o retorno à comunidade foi adiado, sendo retomado no primeiro semestre de 2022 para criar ações e aprovar juntamente com a comunidade.

O que busca: Recurso para contratação de estúdio de gravação de áudio; contratar profissional de finalização de imagens; contratar profissionais de design para elaboração dos materiais gráficos que acompanharão as exibições. O projeto ainda não conta com uma equipe dedicada à produção de impacto. Em maio deste ano, retornaram ao território para uma atualização e diagnóstico realista dos desafios enfrentados pela comunidade nos últimos meses. Com base nessa visita, estão desenhando as próximas ações de fechamento da obra e início da campanha.

Contato: allan.difusao@gmail.com; julianarosa.pereira.p@gmail.com.

AUTODEMARCAÇÃO E FISCALIZAÇÃO DA TI SAWRE MUYBU

Curta documentário I 2022 I Brasil
Cineastas: Beka Munduruku, Aldira Akai Munduruku e Rilcelia Akai Munduruku (Coletivo Audiovisual Daje Kapap Eypi)
Produção de impacto: Carolina Ribas

Sinopse: Diante da ausência do Estado, todos os anos o povo Munduruku realiza a autodemarcação e fiscalização do Território Sawré Muybu, onde guerreiros, guerreiras, caciques, pajés e crianças, caminham pelo território para reavivar os limites, identificar e expulsar invasores e cuidar da floresta, do rio e da terra.

Status do projeto: O curta documentário se encontra em fase de pós-produção e finalização. Recebeu apoio do Kitchen Fund, da Doc Society, e com esse recurso está investindo em compras de equipamento audiovisual e gastos de finalização e desenho da campanha. Conta com pequenos apoios de fundos de jornalismo investigativo que dão suporte financeiro para a equipe se dedicar ao projeto. Prevê o lançamento do filme para o segundo semestre de 2022.

O que busca: Apoio de lideranças e coletivos indígenas para formações de capacitação na área do audiovisual. A conexão com outros coletivos da região Norte está focada em articular redes de exibição nas comunidades para que a luta Munduruku em defesa do território alcance maior visibilidade e apoio.

Contatos: bekamunduruku@gmail.com; ariranhapantanal@yahoo.com.br.

FORMAÇÃO

A programação de formação se deu em duas partes, uma online e outra offline. Os guias de todo este processo foram **Andrea Ixchíu** e **Federico Zuvire**, representantes do Hackeo Cultural.

Andrea destacou que a metodologia da formação foi pensada no sentido de possibilitar aos participantes a sistematização das suas ações e estratégias de abordagem, tendo em vista o diálogo com as suas conjunturas locais em interface com a emergência climática global. Na perspectiva da criação de ações e narrativas que permitam as mudanças sustentáveis. Cada dia de formação teve uma questão norteadora, sendo:

Por que temos que mudar as histórias da Amazônia? Descoloniza suas narrativas.

Por que eu, por que este projeto e por que agora? Meu lugar na luta climática.

Além da denúncia, por uma comunicação efetiva e mobilizadora.

Montando meu plano de ação na luta climática.

NETWORKING

Como forma de gerar cada vez mais possibilidades de fortalecimentos e viabilização dos projetos foi organizado o **Espaço networking: encontros one-to-one**, uma possibilidade de conexão direta dos representantes dos projetos com representantes de fundos financiadores, representantes de festivais, players do mercado audiovisual, produtores de impacto e ativistas de referência mundial no campo da luta climática e mobilização social.

Os **encontros one-to-one** aconteceram nos três primeiros dias do evento contando com a participação total de **dezenove pessoas** de reconhecimento internacional, que se reuniram com os projetos selecionados totalizando **setenta e sete encontros.**

Beadie Finzi (Doc Society), Roberto Barrios (Bolivia Lab), Kiado Cruz (Surco Oaxaca), Lina Salas (Mobilizatório), Fernanda Mendes Sartori (Engajamundo), María Teresa Osório (Preciosa Média), Anabela Roque (Buala.org), Marcela Costa Bertoletti (Canal Brasil), Ximena Amescua (Firelight Média), Natália Amaral (Instituto Amazonas), Graciela Selaimen (IRIS - International Resource for Impact and Storytelling), Almir Narayamoga Suruí (Associação Metareilá), Heather Haynes (Hot Docs Canadian International Documentary FIlm Festival), Alessandra Guerra (Instituto de Desenvolvimento Ambiental Raimundo Irineu Serra - IDARIS), Bassam Alasad (Greener Screen), Marina Colerato (Modefica), Marcelo Díaz (produtor de impacto), Marta Orozco (produtora de impacto) e Karla Martins (Mídia Ninja).

O QUE FICA DE APRENDIZADO?

O FORMATO HÍBRIDO E A CONEXÃO PERMANENTE

O CSL Amazônia criou um espaço de trabalho híbrido como possibilidade de conexão entre uma rede de aliades, compreendendo que as múltiplas paisagens amazônicas bem como seus distintos atores sociais, estão vivendo um processo de reconhecimento de si e da sua comunidade para além da sua língua, mas a partir de suas lutas em comum.

Além disso, o espaço híbrido foi pensado no sentido de aproximar a comunidade internacional dos projetos em execução na região amazônica, no sentido de fortalecer diálogos, construir possibilidade de trocas de saberes e ferramentas, maior alcance com plataforma internacional e possibilidades de suporte e subsídios financeiros para as ações seguirem a cabo.

A ação de transmissão possibilitou que mais de 235 pessoas, dos cinco continentes, acessassem os conteúdos debatidos ao longo dos quatro dias de evento híbrido.

POLIFONIA DE VOZES E SABERES

O evento prezou, desde a concepção, por construção de painéis de saberes diversos: diálogo entre cientistas, pesquisadores, líderes comunitários e representantes de instituições a fim de criar um ecossistema vivo de saberes no evento e possibilitar que se escutem e se vejam ocupando os mesmos lugares e plataformas de visibilidades que em outros contextos eles não alcançam.

PANELISTAS, CONSULTORES E A FORMAÇÃO PERMANENTE

O CSL Amazônia construiu uma rede de consultores de produção de impacto brasileiros, com distintas experiências de construção de campanhas de mobilização de impacto. Produtores, distribuidores, produtores de impacto, pesquisadores e designers de audiência, acompanharam o evento, ao longo dos cinco dias, mediando os debates, apresentando seus estudos de caso e mediando e trabalhando exercícios, projeto a projeto, para construção de seus objetivos e ações de impacto social no desenho inicial de uma campanha. Isso permitiu um olhar ampliado e profundo para os desafios singulares dos 7 projetos selecionados e, também, uma conexão entre os próprios mentores que viram, na realidade do evento, a possibilidade de aprimoramento das suas ferramentas de atuação como produtores de impacto, na troca com as expertises de seus companheires.

A CORREALIZAÇÃO COMO FORMA DE POTENCIALIZAR O ALCANCE DO EVENTO

A correalização se deu como uma estratégia de ampliação do escopo do projeto, trazendo para organização e coordenação geral, representantes de diferentes movimentos e instituições atuantes na América Latina e Brasil, a fim de estabelecer, desde o desenvolvimento, um espaço horizontalizado de formação e complementaridade de ferramentas e possibilidades de expansão do evento para além do que havia em seu escopo de nascimento, compartilhado pela Doc Society. A realização em conjunto com Matapi e Hackeo Cultural, deu amplitude ao alcance do evento, no sentido temático, na conexão de diferentes atores sociais das redes de trabalho de cada entidade e, principalmente, na partilha de ferramentas de trabalho que nos mostraram que o compromisso com a mudança social ultrapassa idioma e territórios. A transformação social e a diversidade no CSL Amazônia não foi um fim nem um produtor, mas sim uma forma de compreender o mundo e atuar nele.

NÚMEROS E RESULTADOS

- 5 mesas de debate
- 3 painéis
- 20 convidades
- 6 apresentações artístico-culturais
- 7 projetos participantes
- 16 representantes de projetos
- 77 encontros one-to-one
- Formação de impacto social
- 60 participantes presenciais e 80 online (média)
- 235 pessoas engajadas
- 7 Prêmios para desenvolvimento da campanha de impacto
- + 30h de programação
- 31 postagens em redes sociais
- 35 matérias em sites, portais e jornais do Brasil

AGRADECEMOS A...

Doc Society - Climate Story Unit - Beadie Finzi, Malinda Wink e Emily Wanja

Secretaria Municipal do Trabalho, Empreendedorismo e Inovação (SEMTEPI) - Radyr Junior, Fábio Araújo e Nicolle Loureiro

Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Amazonas - Marcos Apolo

Connect Pro - Ricardo Moraes e equipe

Woodsteel Decor - Marcia de Cordova e equipe

Amazônia Equipamentos - Jorge Graf e equipe

Hackeo Cultural - Andrea Ixchíu e Federico Zuvire

Equipe CSL Amazônia - Isvilaine Silva, Sideise Bernardes Eloi, Ana Oliveira, Sissy Mendes, Efrain Mourão, Jessica Vicentini, Mayara Brandão, Dheik Praia, Samara Souza, Alberto Carvalho, Laryssa Gaynett

Matapi / Coordenação Brasil - Carlos Barbosa e Clemilson Farias

Coordenação Geral - Vanessa Cuervo Forero e Rodrigo Antonio

THE CLIMATE STORY LAB AMAZÔNIA

Ficou com alguma dúvida?
Fale com a gente:

Clique nos ícones e conheça nossos canais!

/matapimercadoaudiovisual

amazonia.climatestorylab@gmail.com

Realização

docsociety

Correalização

matapi MERCADO AUDIOVISUAL DO NORTE

HACKEOCULTURAL